



SANDRAMARACORAZZA

obra, vidas etc.



Copyright © 2022 Dos Autores.

Capa e projeto gráfico: Fabiano Neu.

Imagem de capa: *Salamandra*, baseada em *Fire Salamander*, de Night-Owl8.

Diagramação: TAI Design.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S219

Sandramaracorazza: obra, vidas etc. / Julio Groppa Aquino, Claudia Regina Rodrigues de Carvalho, Paola Zordan (Organizadores). - 1. ed. - Porto Alegre: UFRGS/Rede Escriteiras, 2022.

1092 p.

ISBN 978-65-5973-091-9

1. Biografia 2. Bibliografia 3. Sandra Mara Corazza I. Aquino, Julio Groppa II. Carvalho, Claudia Regina Rodrigues de III. Zordan, Paola IV. Título.

CDU: 929

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

SANDRAMARACORAZZA

obra, vidas etc.

JULIO GROPPA AQUINO
CLAUDIA REGINA RODRIGUES DE CARVALHO
PAOLA ZORDAN
(orgs.)



PORTO ALEGRE

2022

CURRÍCULO E DIDÁTICA DA TRADUÇÃO:⁷⁷

Nietzsche sempre,
dizia-nos a pesquisadora

Samuel Edmundo Lopez Bello⁷⁸

Será preciso, pois, perdoar-me um estilo didático: não busco senão assegurar-me a mim mesmo de certas coisas.

FRANCIS PONGE

Como filósofa, educadora e pesquisadora, Sandra Corazza sempre foi uma lutadora incessante pelo devido valor à Educação, ao Currículo e à Docência, nos âmbitos institucionais, acadêmicos, políticos, sociais, científicos. Quem lera o texto dela no livro *Linhas de Escrita* (TADEU; CORAZZA; ZORDAN, 2004), recordar-se-á de como a professora-pesquisadora Uhma Mvlier parecia estar desanimada com o que tinha pensado e escrito sobre pesquisa em educação. Doze anos depois, a pesquisadora parece revitalizada ao interrogar-se e interrogar-nos sobre o motor político e a alegria que subjetiva e persiste na nossa profissão. Ela mesma, a professora-pesquisadora que desencarna e que agora toma a docência e a pesquisa como componentes de sua própria imanência,

⁷⁷ Currículo e didática da tradução: vontade, criação e crítica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, out./dez., 2016.

⁷⁸ Licenciado em Matemática. Professor Titular da Faculdade de Educação da UFRGS.

pergunta-se sobre a força de trabalho que lhe traz vitalidade. Ao se propor indagar sobre a força criadora de nossa profissão, ela encontra no conceito nietzschiano de vontade de potência — *Wille Zur Macht* — a ferramenta para a construção de uma perspectiva para elucidar uma vontade de potência de educar, isto é, de uma “força plástica de fazer, produzir, efetuar, formar, criar educação”. Vontade essa que, como impulso, força, efetiva-se e cria novas relações consigo e com as demais.

VONTADE DE POTÊNCIA

Desde essa perspectiva, nosso fazer-pensar é sempre um ato afirmativo de vida, cuja “relação da força com a força chama-se vontade” (DELEUZE, 1994, p. 22). Em se tratando de uma vitalidade professoral, nossas vivências e percursos são impregnados de valores, em dois sentidos: valor — como significação — de cada elemento como termo de um conjunto e valor — como qualidade estética — de cada elemento e do conjunto compoendo um conjunto maior.

É essa vontade de potência que estimula os acontecimentos, as novidades e o pensar na educação; e nos outorga, por um lado, uma capacidade de nos decidir politicamente pela responsabilidade vital do educar — energia de afirmação e criação de mais vida. Por outro, possibilita um exercício experimental que, quando realizado, diz sim à própria vida como arte. É a partir dessa possibilidade estética que a pesquisa nos diz acerca de uma potência criadora, a qual é capaz de nos tornar distintos do que somos e de como pode nos levar a produzir ideias não petrificadas; desestabilizar valores decorrentes da atualização de verdades; propiciar outras composições materiais e intelectuais não assimiladas. Pensar e pesquisar a docência para além do já sabido, coloca-nos em direção não

apenas de produzir a novidade educacional, mas configura o pensar-fazer docente naquilo que lhe é constitutivo, aquilo que o saúda e transfigura — sua vitalidade artistadora.

IDEIA ELEVADA

Seguindo Paul Valéry (2003, p. 121): “é preciso ter uma ideia elevada, não do que se faz, mas do que se poderá fazer um dia; sem o que não vale a pena trabalhar”; diferente de comentários e ideários, uma pesquisa ensaística-factual da vontade de potência de educar não se trata de problematizar forças reativas ou queixas ressentidas, que enfraquecem professores em suas forças de escrever e teorizar; ou ainda, de consensos usuais e correntes de velhos problemas e de soluções caducas que reduzem as ações dos professores a um dar aula, um currículo, um conteúdo ou uma matéria. Num processo de construção de um devir-educar, a pesquisa nos diz que a ideia elevada está na procura por nos tornarmos cada vez mais mestres e autores de nós próprios, diante do fácil, do tolo ou da resignação. Mesmo que a docência artistadora seja difícil de realizar, “a pesquisa mostra que apenas a vontade de potência de educar encarna e exerce pressão contra as condições que meramente existem”.

PARA CRIAR

Ao recusar o jogo da falsa humanidade, a pesquisa que evidencia a docência artistadora cria a figura do professor-tradutor como “o portador da vontade de potência que transporta, transpõe e transfere criadoramente em *currículo* e em *didática*; ao mesmo tempo em que condensa um sujeito social coletivo, intrinsecamente dotado de vida afirmativa” (Grifo meu). Em meio à experimentação de escrita e leitura,

exercícios contínuos para o pensar, processos de ensino e orientação, concebe-se o fazer-pensar dos professores sempre desterritorializados, problematizados ao acaso em suas singularidades e diferenças, transfigurados para os Espaços, as Imagens e os Signos (EIS) curriculares; bem como para a ação didática composta por Autor, Infantil, Currículo e o próprio Educador (AICE), enquanto trabalhos criadores (CORAZZA, 2013). Assim, um currículo tradutor e uma didática da tradução são, pois, efeitos de um pensamento sobre o currículo, a didática e a corporeidade concreta da vontade de professores e a sua ética desejar-te de viver com o caos e seus devires.

É JÁ TRADUZIR

A pesquisa afirma que todo traduzir abre, para as palavras e o mundo, novas possibilidades de existência e que a tarefa precípua dos professores é traduzir inventivamente a própria vida — a tradução é um processo de criação. Nesse sentido, ações didáticas como a produção do próprio currículo são atos tradutórios. Mas quais as correlações possíveis entre tradução curricular e didática? Quais os limites intelectuais sociais e culturais dessas traduções?

Na forma de procedimentos, é possível enunciar:

1. Capture porções das culturas;
2. Realize saltos de sentidos e costure alguns nós nas linhas das disciplinas;
3. Estanque alguns fluxos da tradição, volte-se a ela;
4. Crive porções de ciência, arte e filosofia;
5. Escolha e inflacione autores, textos, obras, conteúdos, signos.

Essa tradução curricular virá configurar um logos, expresso por um sistema, sequência, ordenação, dotada de inteligibilidade. No entanto, a força prática da docência precisa se projetar ainda na *mise-en-scène* da aula. Essa é a movimentação em direção a uma circulação, atualização e recriação do currículo traduzido que se atualiza na escola de modo dramático, isto é, de um modo humano, demasiado humano (NIETZSCHE, 2000). Nas aulas, o logos curricular inventado pelos professores potencializa novas traduções, novas capturas, novos valores, que se espalham no *socius* e tudo reinicia — uma espécie de eterno retorno na docência.

ATO INTERPRETATIVO

Desde o pensamento da diferença, o ato de educar é justamente uma irrupção crítica do novo. A responsabilidade ética que assumimos nesse ato começa pela forma como acolhemos os elementos que nos são legados e como, ao traduzi-los, modificamos a sua importância, atribuímos sentidos, retiramos significação, desconstruímos e recompomos novos signos e imagens. No dizer da pesquisa, transcriar não se confunde com transpor, haja visto que educar pressupõe um processamento vital que reinterpreta — ao estilo nietzschiano, de modo ativo e crítico; multiplicando e diferenciando versões, afetando-se os sentidos comumente aceitos, isso porque a perspectiva da educação tradutória aniquila toda noção de essência e de fundamento.

PARADOXOS DA TRADUÇÃO

É acompanhada de Haroldo de Campos, na ideia de que “o lugar da tradução seria, assim, ‘a discrepância entre o dito e o não-dito’”, que Corazza evidencia um currículo tradutor, um professor-tradutor e uma didática tradutora, esta última — por

exemplo — distante e díspar da vertente de uma transposição (CHEVALLARD, 1991) tão consagrada na literatura educacional dos anos 1990. Ora, seja como possibilidade de um ato criativo ou de um ato interpretativo, a tradução deve ser vista como variação em relação ao original. Eis aí que reside um dos principais dilemas para nós professores. Se por um lado a tradução deve prosseguir sendo ligada à matéria-fonte — à herança humana — para que essa possa ser revitalizada; por outro, a tradução não tem como não se constituir numa transcrição — de culturas, de textos, de autores, de *epistemés*. Porém, é precisamente no vão dessas duas implicações que a prática tradutória produz a forma currículo e a forma didática; finca-se na crítica como espaço de preenchimento de uma inflexão em que traduzir passa ser a melhor leitura e a melhor escritas possíveis de serem efetuadas para um plano de pensamento (filosofia), de composição (arte) e de referência (ciência) (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

VÍDA À PEÇA

Somos nós — professores-tradutores-intérpretes — que damos vida a cada tema disposto no currículo traduzido ou da cena didática transcrita. Daí uma docência-pesquisa que estude cada currículo e cada didática que pretende atualizar para não repetirmos o já realizado. Importa que não percamos de vista que, ao educar traduzindo, estamos mobilizando um engenho interpretativo que nos impede de sermos os mesmos, antes de suas passagens e deslocamentos. Cada tradução rompe, em níveis distintos, as regras mediante as quais foram criadas tais ou quais matérias; de maneira que, durante o processo tradutório, quanto mais as interpretarmos ou criticarmos, desviando-as do projeto inicial, maior o risco

de distanciamento e tanto maior a possibilidade de criação diferencial de matérias. Vida à peça como a realização de um educar — de uma docência artistadora — é sempre um audacioso *work in progress* ou *work in process*, que como obra de arte pressupõe variações e desafios contínuos.

RISCOS NO LIMBO – ALGUNS CUIDADOS

Destaca-se aqui que o principal critério de êxito tradutório de uma matéria é sua maior ou menor vitalidade, isto é, na avaliação da congenialidade de matéria-fonte e sua tradução permanece nítida a imanência dos resultados que produzem, suas linguagens, suas funcionalidades, suas asperezas, dificuldades, ubiquidades.

“A revitalização da tradição, por meio da tradução, é uma operação delicada e incompleta e, não raramente, defeituosa. O nosso principal cuidado reside em tornar objetiva a matéria de partida; sem deixar de relacioná-la com as outras matérias traduzidas; e muito menos, com o mundo social e cultural”. O respeito pela matéria original exige de nós admiração e agressividade; aspereza e delicadeza; conhecimento de traduções anteriores e a escolha de um ponto no qual situar a tradução efetivada.

FEITO NÓS

Nós que aparecem — entendida como uma *teknè* de leitura e escrita, o resultado de cada tradução corresponde e não corresponde ao original, pois é confabulada por: relações entre linguagens, signos, imagens; antífrases; anagramas ocultos; prosa e poesia; fotografia. Nós de um processo decisório que opera com opções poéticas, dúvidas filosóficas, leitura corrente e referências cifradas, imitação, roubo e audácia, e assim por diante. Como professores-tradutores, nós que realizamos a

crítica e a criação de formas de saber, das relações de poder e dos modos de subjetivação. Matérias originais que variam pra além de deu tempo de criação e seu tempo de tradução.

FIÉIS NA DIFERENÇA

Toda tradução é uma pletora de sentidos, uma polivalência ou polissemia, como linguagens da imaginação que ocasiona mutações da visão e da percepção. Mais do que matérias, as metas do professor-tradutor são formadas por trans-criações (trans= travessias, passagens) de cenas, topos, tropos, retóricas, linguagens, séries de associações, saltos e ciclos, retornos e paralelismos, automatismos, coisas e corpos, entre outros. A tradução das matérias fiel à diferença e nesses movimentos travessos, “nunca será sombra de alguma fonte ou cópia de algum original; mas um dobramento ativo que, ao mesmo tempo, nega e afirma aquilo do qual supostamente deriva”.

TRABALHO INTELECTUAL

Ciente das dificuldades e traições, a pesquisa posiciona as traduções feitas pelos professores como um verdadeiro trabalho intelectual. Trabalho esse que, desde a perspectiva da vontade de potência, coloca os professores-artistadores numa posição autoral que exige criação sobre aquilo e com aquilo que já foi criado: máquinas e utensílios, ciência e tecnologia, ideias e culturas, palavras e neologismos, crenças e militâncias, teorias e noções, perspectivas e ideais.

DIGNOS E JUSTOS

Para finalizar, a pesquisa é conclusiva; “não vê como não evocar um fazer educacional, de modo extremamente criador

e livre, a não ser através de essa imagem de professores-tradutores”. A tradução didática e curricular é, assim, um processo transcriador, impellido pela vontade de potência de professores e um ato de coragem realizado por cada um de maneira singular e individuada. No fazer-pensar somos produtores e participantes; pois ao traduzir, em lugar de impor o que deve ser lido e compreendido nas matérias, evitamos que elas se estratifiquem em sistemas, escolas e instituições.

NIETZSCHE SEMPRE... DIZIA A PESQUISADORA

Filosofias da Diferença e Educação era a linha de pesquisa 09 (nove) do PPGEDU/ UFRGS, em que a pesquisadora conjurava “Nietzsche, sempre”. Nove (09) é o valor cabalístico do seu EIS AICE, uma das suas mais notáveis invenções (NEU; CORAZZA, 2017).

E assim, com Nietzsche e outros mal-ditos, vimos produzir toda uma crítica-clínica, filosofia, literatura, poesia, ciência, pintura, currículo, performance, música, didática, cinema, arte; contudo, e principalmente, uma força propulsora que em meio a todas essas linguagens, textos, imagens, produzisse uma pesquisa em Educação; ou melhor, uma pesquisa em Educação desde e com a filosofia da diferença. Nessa procura, então anunciara que a pesquisa em educação podia se tratar de uma Arte Bruta da Pesquisa, uma Pesquisa da Besteira, uma Gaia Pesquisa, Pesquisa da Multiplicidade, Empirista, Transcendental, Experimental, Diagnóstica, Em Fuga, Rizomática, Pragmática, Vital, Caótica, Artística, Impensável, Micropesquisa, Esquizopesquisa, Pesquisa a n-1, Pesquisa-de-mil-nomes (TADEU; CORAZZA; ZORDAN; 2004). Em suma, ela leva adiante um projeto filosófico não de pesquisar coisas, mas movimentos. Movimentos que se referem à experimentação dos conceitos e das imagens do pensamen-

to que se perguntam: como acontecimentalizar a pesquisa em Educação, a pedagogia, currículo, a infância, a própria didática?

Eis que desde essa preocupação com a pesquisa, e ruminando leituras-escrituras-experimentações, que nossa pesquisadora — sempre com Nietzsche e com a paixão que esse tivera pela arte — cria a imagem das artistagens (CORAZZA, 2006), ou melhor, da vida artistadora do professor. Essas artistagens ou vidas artistas dos professores têm no pensamento transvalorativo de Nietzsche seu grande cerne e potência. Afinal, suspeitar dos valores que são atribuídos ao nosso fazer-pensar, é suspeitar dos ideais que nos interpelam.

Assim, pensar-nos professores, a partir dessa filosofia, é olhar para os valores que constituem a docência e suas condições de existência. E, se a arte potencializa os modos de tornar-se, os modos de pensar-fazer; então ela é força que produz movimento para nos sacudirmos das atualizações dos significados consolidados, estabilizados; força que nos impulsiona para sairmos das amarras da linguagem enquanto representação. Pensar uma vida docente artistadora é, pois, um movimento que partindo da arte, propõe-se a uma ciência filosófica libertadora.

E se tornar-se, vir-a-ser, significa afirmar a vida, a pesquisadora — num movimento filosófico recursivo — toma a vontade de potência como força para essa afirmação, para esse devir, para esse ser-mais-forte. Vontade de potência que imprime vitalidade à nossa profissão.

É na arte da escrita ou na escrita como arte que a pesquisadora conjura que ela reinventa a docência. Escrita que se faz como forma de produzir outros modos de compor e estar com a docência em meio à vida (CORAZZA, 2013). Assim, inventa a sua docência-pesquisa que em nada se

assemelha ao professor-pesquisador do discurso educacional contemporâneo, pois trata-se de uma força de autoria e autoridade e não de um ideal, uma forma. E se Nietzsche se valia da escrita aforística para problematizar, movimentar textos, linguagens; a pesquisadora recorre à operação tradutória da linguagem para movimentar e compor acerca de textos pedagógicos, didáticos, curriculares. Ela faz da tradução um procedimento de experimentação/composição; composição-criação. Para ela, assim como para seus íntimos parceiros intelectuais como G. Deleuze e F. Guattari: composição é a condição da arte. “A composição é estética, e o que não é composto não é uma obra de arte” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 227). Dito de outro modo, a docência-pesquisa, fabulação de nossa pesquisadora, é feita dos movimentos que colocam um(a) professor(a) em experimentação, o que possibilita criar outros modos de se tornar docente e de agir didaticamente, viabilizando composições.

Esse percurso, um tanto quanto, diga-se, experimental, que evidencia uma docência transvalorativa, realiza também seu caráter transcriador. Ela mesma (a pesquisadora) transcria o campo da didática. Ao tirá-la de sua condição normativa, ordenada, geral — no que chama de uma procura por uma didática da diferença — imprime-lhe, em uma mistura original com a filosofia deleuziana, uma potência inventiva e de produção de novidade — uma didática tradutora para um espaço-tempo: a aula.

A didática, neste ponto, assume para a pesquisadora uma característica de ser um movimento-processo de pensamento; torná-la assim uma língua e como tal com possibilidades de inscrever-lhe uma estrangeiridade, revirando conseqüentemente a linguagem das ciências da educação em geral. A língua didática devém uma minoração e uma transculturação.

“[...] ao traduzir didaticamente, na cena de aula, realizamos uma operação de isomorfismo ou paraformismo [...] cujo sinônimo seria transculturação” (CORAZZA, 2017, p. 59). Como a pesquisadora diria, transculturação essa que cruza planos de pensamento, de composição e de coordenação, desapropriando pertencimentos, liberando-nos de referências de sangue. Pertencimentos esses arraigados a uma herança que é preciso transculturalizar.

Ora, docência artístadora, docência em meio à vida, vontade de potência e modos de existência docente, docência-pesquisa, escrita e leitura (escreleituras), currículo tradutor, didática tradutora; recebamos essa produção deixada pela pesquisadora como parte de uma herança; e, como tal, é preciso tomá-la como matéria de tradução, transcrição-transculturação.

REFERÊNCIAS

CHEVALLARD, Yves. *La transposición didáctica: del saber sábio al saber enseñado*. Buenos Aires: Aique, 1991.

CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcrie em educação?* Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. Didática da tradução, transcrição do Currículo (uma escreitura da diferença). In: CORAZZA, S.M (org). *Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivomar*. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017. 56-70.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Tradução: Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

NEU, Fabiano. CORAZZA, Sandra Mara. Gematria de EIS AICE, às voltas com um ideograma. In: CORAZZA, Sandra Mara. (org) *Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar*. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017. p. 292-306.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano, Demasiado humano*: um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PONGE, Francis. *O Partido das Coisas*. Tradução: Adalberto Müller Jr. et al. São Paulo: Iluminuras, 2000.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VALÉRY, Paul. *Degas Dança Desenho*. Tradução: Cristina Murachco e Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.